



AS PRIMEIRAS TROCAS E REPRESENTAÇÕES COLETIVAS COMO ELEMENTOS DE COMPREENSÃO DAS NEGOCIAÇÕES COM O SAGRADO DENTRO DA ASSEMBLEIA DE DEUS

THE FIRST EXCHANGES AND COLLECTIVE REPRESENTATIONS AS
ELEMENTS OF UNDERSTANDING NEGOTIATIONS WITH THE SACRED
INSIDE THE ASSEMBLY OF GOD

*Michel Justamand**

*Fátima M. Flores de Vargas***

*Leandro Paiva****

RESUMO

Os estudos sobre religião e as doações realizadas dentro das igrejas, frequentemente se efetuam na perspectiva institucional e economicista, obscurecendo o ponto de vista do indivíduo, membro ou frequentador das igrejas pentecostais. Uma análise dessa forma, pode incorrer em uma apreensão um tanto reducionista ou unilateral sobre o ato de dar. Assim, este trabalho apresenta uma discussão sobre a dádiva, segundo o pensamento de Marcel Mauss e das trocas estabelecidas com as divindades nas comunidades arcaicas, bem como, as representações coletivas em Émile Durkheim. O cerne reside na busca de elementos para compreensão de como se efetivam as trocas com a divindade dentro do pentecostalismo contemporâneo, em especial a Assembleia de Deus no Amazonas – IEADAM. Considerando

* Doutor em Ciências Sociais/Antropologia pela PUC/SP, Professor Associado I da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestrado em Sociologia (UFAM). Graduada em Ciências Teológicas (2012), Jornalismo (2013) e Administração (2017) pela Faculdade Boas Novas - FBN.

*** Pesquisador apoiado pela FAPEAM. Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas. Pós-Graduado em Museografia e Patrimônio Cultural (Claretiano). Graduado em Educação Física e História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.



a assimetria que perpassa o sentido da oferta, do ponto de vista da instituição e do indivíduo, a concepção do “dar-receber e retribuir”, percurso efetivado pela dádiva, assiste na compreensão das trocas e negociações com o sagrado.

Palavras-chave: Dádiva; Divindade; Igreja; Pentecostalismo.

ABSTRACT

Studies on religion and donations made within churches often take place from an institutional and economic perspective, obscuring the point of view of the individual, member or attendant of Pentecostal churches. Such an analysis can lead to a somewhat reductionist or unilateral apprehension about the act of giving. Thus, this work presents a discussion about the gift, according to the thinking of Marcel Mauss and the exchanges established with the deities in archaic communities, as well as the collective representations in Émile Durkheim, in the search for elements to understand how the exchanges take place with divinity within contemporary Pentecostalism, in particular the Assembly of God in Amazonas – IEADAM. Considering the asymmetry that permeates the sense of the offer, from the point of view of the institution and the individual, the concept of giving, receiving and giving back, a path effected by the gift, assists in the understanding of exchanges and negotiations with the sacred.

Keywords: Gift; Divinity; Church; Pentecostalism.

1 INTRODUÇÃO

O sistema de troca compõe uma tríplice aliança, dar, receber e retribuir, um contrato de reciprocidade que envolve bens materiais e simbólicos. Os bens negociados através da dádiva, estão relacionados a um fato social total, uma vez que perpassa todas as instâncias da existência humana. Esses bens não são apenas materiais, mas de interações e gestos, um contrato que integra indivíduo e divindade e/ou coletividade e divindade. A doação, o recebimento e a retribuição representam abnegação e reconhecimento. Assim, o valor da dádiva não segue necessariamente as regras da quantidade e do valor em si, mas do valor simbólico do bem negociado.

Os sistemas de representações coletivas produzidas pelos homens na sociedade estão vinculados ao religioso e as crenças seguem a classificação da natureza das coisas relacionadas ao mundo material. A religião, enquanto sistema solidário de crenças geradas por uma comunidade moral origina o conceito de igreja. Isto é, uma assembleia popular na qual os indivíduos estão ligados pelas mesmas crenças, mitos e ritos. É exatamente essa fé única que os mantém unidos. O pentecostalismo tem

seu desenvolvimento e expansão no Brasil,² baseado num sistema de crenças comuns, que engendrou especificidades entre o coletivo e o individual. No Pará, por exemplo, a propagação da nova forma de servir a Deus se deu pela vinda de dois convertidos suecos, Daniel Berg e Gunner Vingren (CESAR & SHAULL, 1999, p. 20-21). Essa distinção perpassa pelo âmbito das ofertas e negociações com o sagrado. Desse modo, dádiva permite iluminar a via de mão dupla que perpassa a questão das doações dentro das igrejas pentecostais na atualidade, em especial na AD no Amazonas.

O sentido da dádiva dentro do pentecostalismo pela via conceitual de Marcel Mauss e das representações coletivas durkheimiana, empreende um estudo de como são realizadas as trocas com a divindade, para além da compreensão economicista de mercado, na perspectiva da coletividade, enquanto igreja e do indivíduo que pratica a dádiva.

Partindo do conceito de igreja, enquanto coletividade análoga, que mantém como elo entre os indivíduos uma mesma crença, abordaremos neste trabalho, especificamente, a perspectiva de igreja de vertente pentecostal, a Assembleia de Deus no Amazonas. O foco principal é compreender o processo da dádiva entre os fiéis desse segmento específico. Tarefa essa não muito fácil, tendo em vista os vários tipos de pentecostalismos que operam na atualidade e as variedades de tratamento que as ofertas assumem dentro dessas denominações.

2 AS PRIMEIRAS TROCAS ESTABELECIDAS

A teoria da troca, na obra “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas³,” de Marcel Mauss, está baseada numa análise sobre o sistema de aliança e reciprocidade entre as sociedades arcaicas. Esse conceito ressignifica

² O movimento pentecostal floresceu nos Estados Unidos, sendo no ano de 1901, no Kansas; em 1906, em Los Angeles e em 1907, em Chicago. O movimento chega no Brasil em 1910, pela Congregação Cristã do Brasil, no Bairro do Brás, em São Paulo. E em Belém do Pará, a Assembleia de Deus no ano de 1911. As duas denominações traziam uma proposta de cristianismo baseado na experiência religiosa do pentecostes bíblico cristão (Atos dos Apóstolos, cap. 2), ou seja, no batismo com o Espírito Santo e no falar em línguas. William J. Seymour, pastor negro de uma Igreja Metodista Episcopal em Los Angeles foi o homem que desencadeou o movimento, na rua Azuza Street 312.

³ Publicado inicialmente no ano de 1924, e que se encontra reproduzido numa coletânea organizada por Georges Gurvitch intitulada “Sociologia e Antropologia”.

na contemporaneidade e constitui sua maior contribuição nas ciências sociais (MAUSS, 2003). Para Mauss, o valor de mercado que a mercadoria assume não é superior ao valor simbólico que a troca empreende. Por essa razão, a troca agrega em si o sentido de “dar-receber-retribuir.” A troca torna-se um fato de abrangência social, que perpassa a economia, a cultura, a religião e demais áreas das relações humanas, desde as mais simples às mais complexas, das relações materiais às simbólicas, instituindo dessa forma, um fato social total (MARTINS, 2005).

O sentido de totalidade para o fato social da troca, vem da compreensão de que este fenômeno apreende todas as áreas da sociedade. Segundo Caillé, (2002), Mauss teria rompido com a concepção hermética do viés econômico, empregado pela análise sociológica de Weber e Durkheim, para uma análise heterogênea da troca, enquanto formação de alianças dentro das relações sociais. Embora a lógica de mercado, estabelecida pela modernidade represente relações complexas entre indivíduos e também um processo coletivo determinado pela hegemonia do capital, os sistemas de trocas permanecem coexistindo mesmo dentro de um modelo mercantil.

Segundo Martins (2005), Mauss considera todos os aspectos da gênese da obrigatoriedade moral e congrega as mais variadas dimensões das relações humanas, na qual a troca envolve interação entre indivíduos, constituindo o espectro da coletividade. Esse aspecto central da teoria contribui para o desenvolvimento do estruturalismo dentro da Antropologia, na qual Lévi-Strauss, orientando de Mauss, mais tarde busca aprofundar.

Convergindo em alguns aspectos com o pensamento de Durkheim (1999), a teoria da dádiva, enquanto troca constitui uma obrigação moral dentro do fato social total. Essa troca estabelece regras comportamentais e coletivas. Um sistema de crenças organizado coletivamente e para além do indivíduo. A dissonância entre os dois pensadores se encontra no fato de que, Mauss, acredita que a experiência do indivíduo no processo de troca atribui um novo sentido a mercadoria, escamoteando o senso de totalidade e reorganizando a própria estrutura. Nessa lógica, a mercadoria assume um valor simbólico para o indivíduo, que passa então a atuar como um agente operante no todo. Assim, no processo de circulação da troca, o ser humano age tanto,

por um sistema moral constituído por obrigações individuais, quanto coletivas (MARTINS, 2005).

A troca existe porque o pensamento sobre propriedade está no fato de que, todos os pertences dos homens, “como alimentos, mulheres, filhos, bens, talismãs, solo, trabalho, serviços, ofícios sacerdotais e funções, é matéria de transmissão e de prestação de contas”. Todas essas coisas possuem um caráter transcendente, entre “coisas e homens, entre clãs e os indivíduos, repartidos entre as funções, os sexos e as gerações” (MAUSS, 2003, p. 203).

Diante dessa perspectiva é que o homem tem o direito e o dever de consumir e retribuir, dar e receber, ou vice-versa, uma vez que tudo que ele tem, inclusive a natureza, é um presente dos deuses. Esse “elemento mitológico” está presente em todas as culturas pesquisadas pelo autor. Os ritos e cerimoniais são formas de expressar o intercâmbio estabelecido entre o homem e sua divindade. São momentos especiais, na qual a divindade e/ou o espírito dos mortos participam ativamente, recebendo a oferta da dádiva como um honroso presente. A finalidade é que uma vez aceito o sacrifício, enquanto oferta, as entidades e mesmo a natureza que está intimamente ligada ao transcendente, retribua em forma de riquezas e em quantidades abundantes.

Inserido nessa ideia de troca, se encontra também uma noção rudimentar de direito patrimonial, uma vez que os bens são apropriáveis. Antes de efetuar qualquer atividade na propriedade é necessário “pagar” aos deuses e/ou aos espíritos dos mortos dádivas que, permitam “cortar sua madeira, antes mesmo de limpar ‘sua’ terra, de plantar o poste de ‘sua’ casa, é preciso pagar aos deuses”. São pagamentos e contratos constantes. A intenção resultante de todo o processo de troca, é manter a paz entre os homens e divindades. Agrada-se os deuses e os espíritos bons, como retribuição eles aplacam as tempestades, as secas, afastam as mazelas e trazem fartura sobre as tribos, enquanto os espíritos mal-intencionados são afastados e junto com eles os eventos sinistros. Essa negociação com as divindades está associada às necessidades de cada grupo social e a realidade que opera (MAUSS, 2003, p. 206).

Mauss observa que as trocas, uma vez que perpassam o direito e a religião tendem a evoluir com o passar do tempo, sociedades que desenvolvem um sistema de classes,

ricos e pobres, mesmo assim, mantiveram a prerrogativa de agradar e negociar com os deuses e/ou mortos. A partir das mudanças sociais, principalmente de cunho econômico, com melhorias nas atividades agrárias, desenvolve também desigualdades sociais. As diferenças de classes, engendram uma nova forma de dádiva: a esmola. Surge como troca com os deuses, a fim de aplacar a ira dos mesmos, ou como negociação com espíritos causadores de epidemias e febres entre as comunidades, pestes nas plantações, impedindo uma colheita abundante.

3 DURKHEIM E AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS NA RELIGIÃO

A percepção de Mauss sobre o indivíduo dentro da religião é que, este agrega certa autonomia diante da coletividade. Enquanto que para Durkheim, essa noção de indivíduo ganha distanciamento e se apequena diante da sobreposição coletiva, assim, a religião representa a força da coletividade, na qual o indivíduo é anônimo. Entretanto, ele se encontra dentro do processo coletivo, enquanto gerador de “uma força que ergue ao seu redor todo um turbilhão de fenômenos orgânicos e psíquicos” (DURKHEIM, 1999, p. 68-69).

Os ritos são formas de comportamentos e ações coletivas que não se encontram separadas das regras morais. Desse modo, a partir do objeto sagrado, os ritos definem como os homens necessariamente irão se comportar diante das coisas consideradas sagradas. As crenças são representações religiosas, “estados da opinião,” uma “classificação de coisas reais ou ideais que os homens representam em duas classes ou em gêneros opostos... profano e sagrado.” Todas as crenças religiosas, das mais simples às mais complexas pressupõe uma classificação de coisas “reais ou ideais,” que os homens separam entre o que é sagrado e o que está para além desta linha divisória e dentro do profano, sempre em lados antagônicos.

As crenças e os ritos são as representações “que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações entre si e com as coisas profanas.” Deuses e espíritos não são as únicas coisas sagradas dentro das religiões, mas também “um rochedo, uma árvore, uma fonte, uma pedra, uma peça de madeira, uma casa, enfim, qualquer coisa pode ser sagrada” (DURKHEIM, 2018, p. 68).

Nessa direção, “as crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm entre si e com as coisas profanas”. Ao passo que, “os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas.” Assim, as crenças são representações coletivas e a partir dessas crenças, os ritos são constituídos. Esse é o caráter de unidade concebida dentro da coletividade e que mantém o elo de ligação entre os indivíduos, uma “fé comum.” Dessa compreensão vem o conceito de “igreja,” do grego *Εκκλησία*, que significa uma assembleia popular. Essa ideia perpassa a história do cristianismo, sobre ela falaremos mais adiante (DURKHEIM, 2018, p. 72).

Nesse sentido de representação coletiva, Durkheim conceitua religião como “um sistema solidário de crenças segundas e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem” (DURKHEIM, 2018, p. 79). Diferente de Durkheim, Mauss concebe a religião enquanto particularidade potencial do indivíduo e da comunidade, por exemplo, quando trata do sacrifício, do contrato ou aliança firmada na obrigação moral do indivíduo, na troca que pode ser um objeto ou um ato de alteridade. Isso, quando as estruturas e comportamentos sociais estão implicados nessas obrigações. Para Durkheim, a religião é essencialmente coletiva, o que liga um indivíduo ao outro é exatamente uma fé comum, a religião é constituída a partir das representações do grupo e independente de personalidade divina. Os deuses nesse caso, são criações do imaginário social, são símbolos do ideário da vida real e dos anseios existentes na própria coletividade.

Mauss acredita ter encontrado na magia, a primeira representação coletiva gerada do entendimento individual, na qual magia e religião confluem, compilando ritos, símbolos e todo um universo mítico que permeia todas as religiões. Durkheim, concorda em alguns pontos e discorda em outros. Concorde que a magia é permeada por mitos e ritos; entretanto, apreende a magia não como representação coletiva, mas do âmbito individual. Dessa forma, o mago constitui-se como um profissional da magia e que adquire uma clientela que paga por seus serviços. No caso da religião, considera como inseparável da ideia da coletividade (DURKHEIM, 2018).

A dádiva, para Mauss está perpassada por uma dimensão simbólica no fato de dar, receber e retribuir, mesmo nas sociedades ditas complexas, esse simbolismo vai além da dimensão exploratória do sistema gerado pelo capital. São gestos permeados de sentido, sentimentos e linguagens significantes dentro das relações sociais. O autor adentra no âmbito subjetivo dos relacionamentos e vínculos sociais. Diferentemente, Durkheim apresenta uma visão objetivada, dualística e antagônica das práticas coletivas. Trata-se de uma força impessoal e social que age na sociedade, pelas representações religiosas. Quando ele observa que essa força que emana, por exemplo, da crença no totem enquanto símbolo, sobre o clã e através do culto, dos ritos, das crenças, os sentimentos e ações do grupo como um todo atinge inclusive sobre aquele indivíduo que não está necessariamente praticando ritos ou cultos. Essa força que é superior ao indivíduo, são as representações coletivas, sejam morais ou físicas, são objetivadas no cotidiano da coletividade.

O pensamento durkheimiano sobre representações coletivas tornam-se relevantes para melhor compreensão das crenças e práticas cúlticas dos movimentos religiosos contemporâneos. A objetividade da religião, mesmo com a presença de elementos subjetivos como sentimentos, emoções, moralidade e regras sociais, confere a coletividade um senso de igualdade entre os indivíduos unidos pela mesma fé. Esse sentimento desperta dependência e o consenso coletivo. Assim, a representação coletiva é a própria consciência do grupo e que trazem uma organização social através dos laços criados entre indivíduos.

4 AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS E A RESSIGNIFICAÇÃO DA TROCA NOS AMBIENTES PENTECOSTAIS CONTEMPORÂNEOS

As representações coletivas permitem uma compreensão da forma como a religião se organiza por intermédio da vida social e também da gênese da modelação do grupo a partir do aspecto religioso, um processo orgânico na qual a sociedade modela a religião e vice versa. A organização social amolda-se conforme os padrões da própria sociedade. Os fatos estão sistematizados de acordo com um plano unitário e coletivo. Uma “união” que forma “um todo orgânico” (DURKHEIM, 2018, p. 189).

Os sentimentos semelhantes que as práticas sagradas despertam na consciência coletiva, torna-se o elemento de coesão dentro do grupo e esses sentimentos são na verdade o princípio pelo qual o culto é realizado. Uma espécie de “força anônima e impessoal”, que se encontra presente no coletivo. Essa força sobrevive atuante mesmo com a passar das gerações. Como esse poderio está presente, inclusive, nas práticas dos antepassados, o fiel sente-se obrigado a comportar-se de acordo com o restante do grupo, constituindo-se também como uma regra moral imperativa. A religião apresenta uma força que auxilia os fiéis no enfrentamento das adversidades cotidianas. “Toda religião, além de ser disciplina espiritual é também uma espécie de técnica que permite ao homem enfrentar o mundo com mais confiança” (DURKHEIM, 2018, p. 242).

Esse fator é recorrente no pensamento maussiano, a dádiva enquanto troca com a divindade confere segurança ao indivíduo e também coletivamente. Perpassa pela subjetividade do grupo, que os acontecimentos desagradáveis desaparecerão, quando a divindade aceita a dádiva ofertada e como uma espécie de compadecimento, retribuirá, restituindo o equilíbrio dos fatos desajustados. A prática da dádiva e as negociações efetivadas com o divino, está relacionada com o sentimento de insegurança e fragilidade dos homens, diante dos acontecimentos cotidianos que trazem prejuízos, bem como, o suprimento de necessidades físicas e emocionais do grupo.

Segundo Durkheim (2018, p. 75) são as crenças religiosas comuns, que além de configurar os ritos, também determinam a unidade coletiva. Ou melhor, “Uma sociedade cujos membros estão unidos pelo fato de conceber, da mesma maneira, o mundo sagrado e suas relações com o mundo profano, e de traduzir essa concepção comum em práticas idênticas é o que se chama de igreja.” Não há no decorrer da história nenhuma religião sem a justaposição do grupo.

Ora a igreja é estritamente nacional, ora ela se estende para além das fronteiras; ora ela engloba um povo inteiro (Roma, Atenas, o povo hebreu), ora compreende apenas uma fração de um povo (as sociedades cristãs desde o surgimento do protestantismo); ora é dirigida por um corpo de sacerdotes, ora é quase que completamente desprovida

de qualquer órgão diretivo especial. Não obstante, por toda parte onde observamos uma vida religiosa, ela tem por substrato um grupo definido (DURKHEIM, 2018, p. 76).

Mesmo quando os cultos são realizados no âmbito privado e envolvem algum tipo de coletividade, como corporação ou família, “essas igrejas restritas são, na realidade, apenas capelas de uma igreja mais vasta que, justamente por essa extensão, merece esse título.” Durkheim ao distinguir religião de magia, a primeira pertence a coletividade, enquanto a segunda é considerada pelo autor como do âmbito individual. Isto é, “uma igreja não é simplesmente uma confraria sacerdotal; é uma comunidade moral formada por todos os crentes da mesma fé, fiéis e sacerdotes” (DURKHEIM, 2018, p. 76-77). Assim, a lógica das representações coletivas é fundamental para compreender o funcionamento das igrejas pentecostais, o sentimento que perpassa a coletividade e determina comportamentos e as formas como as negociações com o sagrado se entretecem na atualidade.

Segundo o sociólogo Waldo Cezar e o teólogo Richard Shaul (1999), o pentecostalismo no Brasil imprimiu notável crescimento desde a origem. Em três décadas o movimento já pontuava 27% do total de evangélicos do país. Em 1970 esses dados ascendiam para 58%. O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), contabilizou 26 milhões de pentecostais das mais variadas denominações. Significa dizer que, 15% da população se autodenomina cristão evangélico. A denominação Assembleia de Deus – AD, constitui o maior grupo do segmento pentecostal brasileiro, somando 7 milhões de fiéis ativos.

Nesse último século de história, o pentecostalismo vem assumindo vários desdobramentos. Dentro dessa polissemia de conceitos e releituras do movimento, Paul Freston vai defender que, a partir do pentecostalismo clássico, se desenvolve, na década de 1970, uma terceira onda que apresenta características heterogênicas se comparadas ao movimento originário. Com posicionamentos mais liberais e menos sectários, uma igreja mais aberta as atividades para além dos templos, com envolvimento políticos, culturais, assistenciais, inserção nos meios midiáticos e empresariais. Quanto mais essas características se evidenciam dentro dos segmentos pentecostais, são classificadas então como neopentecostais, Ricardo Mariano defende essa terminologia.

Nessa direção, vale salientar que os estudos sobre o neopentecostalismo efervesceram nos anos de 1990, com críticas direcionadas às igrejas e sua relação com o dinheiro. Em especial, a Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, Igreja Internacional da Graça, Renascer em Cristo e Deus é Amor. Segundo Pedro Oro (2001), essas denominações assumiram de maneira contundente sua postura de interesse ao dinheiro, imprimindo um sentido positivo à oferta, fazendo com que as contas bancárias dessas igrejas circulassem bilhões. O que gerou também um aumento sistemático em seus patrimônios. O investimento da IURD, por exemplo, não se restringe apenas aos bens e serviços de cunho religioso, mas em atividades variadas. Destaca-se: 20 emissoras de televisão e 50 de rádio, construção civil, além de estar entre as 100 maiores empresas do país e acumular um patrimônio de 1 bilhão de reais.

As igrejas pentecostais tradicionais intituladas Assembleia de Deus, também se encontram em muitos países da América Latina, África e Europa. Acumulando, igualmente, enorme patrimônio, embora a Assembleia de Deus, diferente do IURD, atue completamente descentralizada. Leia-se: gestão, expansão e administração econômica. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas – IEADAM⁴, campo de pesquisa desse trabalho, constitui seu patrimônio por meio de templos e congregações. A grande maioria são prédios próprios.

A IEADAM também adquiriu, desde 1993, uma emissora de rádio e televisão, a Boas Novas, que abrange toda a Região Norte, Nordeste e Sudeste. A destarte do patrimônio adquirido, a Igreja optou por uma programação completamente dirigida ao público evangélico, o que fez com que a emissora não alcançasse o mesmo êxito de rentabilidade econômica da Rede Record, por exemplo. O investimento na educação também foi prioridade da Assembleia de Deus do Norte, com ensino médio em Teologia, ensino não formal. Ademais, a Faculdade Boas Novas, ensino formal contemplando atualmente, 08 cursos de graduação e vários de pós-graduação. Salienta-se que, investimento em educação, nem sempre constitui um mercado de significativa rentabilidade no Brasil. A Faculdade Boas Novas não representa

⁴ A IEADAM no estado do Amazonas, contempla um montante de 1084 templos somente na capital. No interior do estado são cerca de 3000 templos e esse número aumenta a cada ano. Totaliza 300 mil membros, divididos entre 150 mil na capital e a outra metade espalhada pelo interior do estado (LIMA, 2015).

lucratividade para a Igreja⁵. Assim, o patrimônio substancial da denominação são seus prédios, espalhados capilarmente por todo o estado. Além disso, vale ressaltar a influência política que a Instituição apresenta enquanto espaço público e que obviamente sempre agrega benefícios. Do ponto de vista das ofertas, segundo Oro (2001) todas as religiões sempre apresentam uma relação significativa como dinheiro. Corten (1996) vai dizer que é justamente essa considerável sincronia entre igreja e dinheiro, bem como, o discurso de progresso que fará o pentecostalismo emergir das classes pobres⁶ para as demais camadas sociais.

A IEADAM como as demais igrejas trabalha a oferta e dízimo como meios de alcançar a benevolência divina, o dar, receber e retribuir, segundo Mauss. Entretanto, não apresenta um discurso nos mesmos moldes da IURD, não exatamente uma teologia baseada na prosperidade, mas na generosidade e gratidão pelos benefícios já recebidos do próprio Deus. Sem deixar de considerar também que para o fiel da AD, o dízimo representa uma proteção financeira e o ato de ofertar constitui um meio de prosperidade. Mas não se vê na denominação um apelo enfático sobre doações, muitas vezes em torno de bens patrimoniais como a própria imprensa divulga. Aparentemente, o fiel oferta conforme suas possibilidades. Contudo, todo indivíduo que adentra a denominação como membro, sabe que o ato de ofertar e dizimar compõe as obrigações de fazer parte dessa comunidade religiosa (SPICKARD, 1995).

Mariz (1995), enfatiza que uma vez que as pessoas não ofertam sob a lógica da compra e sim do sacrifício, se torna legítimo o gasto com o sagrado. Boa parte, senão todo membro da IEADAM, se for inquirido do porquê de seu ato de ofertar e dizimar, responderá que é uma obrigação diante de todos os benefícios que a Igreja lhe

⁵ Dados fornecidos pela CEADAM – Convenção Estadual da Assembleia de Deus no Amazonas.

⁶ De acordo com o sociólogo Cartaxo Rolim (1985), quando o pentecostalismo adentra as terras brasileiras, traz consigo uma proposta de religiosidade, que atende as necessidades das populações economicamente desfavorecidas, constituindo-se predominantemente a partir das camadas populares. Na Região Norte, encontra um cenário socioeconômico implicado pela decadência do ciclo gomífero, extrativistas, pescadores, agricultores e migrantes desassistidos, oriundos do êxodo rural e atraídos pela falsa ideia do eldorado. As cidades de Belém e Manaus, apresentam um contexto que respira ares de prosperidade e europeização, de modernas arquiteturas, largas avenidas e um estilo de vida ostensivo por parte das elites urbanas. Riquezas materiais e culturais, que beneficiam em particular, uma burguesia estrangeira e uma aristocracia local. Espaços que congregam profundas desigualdades sociais e que são análogas às demais regiões do país, porém, a partir de outras problemáticas sociais (SARGES, 2009). Desse modo, “No limiar da segunda década do século, o pobre começava a ter vez, numa presença ativa, em templos que ele mesmo ajudou a construir e que os considerava como seus” (ROLIM, 1985, p. 42).

oferece. Principalmente, “por gratidão à benevolência de Deus”. Com a fé e “certeza” de que a divindade lhe retribuirá de volta tal sacrifício. Do ponto de vista do fiel, a oferta é um meio para alcançar o favor divino, uma forma de agradar e agradecer, dando, recebendo e retribuindo. A retribuição se encontra no trabalho prestado a igreja, de forma voluntária, dentro dos ministérios da IEADAM⁷, entendendo que dessa forma retribui ao próprio Deus.

Da perspectiva da instituição religiosa, não somente a IEADAM, como também nas demais denominações, o resultado das ofertas dos milhares de membros é o acúmulo de bens e patrimônios para a denominação e seus líderes principais. Via de regra, são os principais administradores de todos esses recursos. Não obstante, segundo a perspectiva do indivíduo, as formas de trocas e crenças dentro das religiões, sejam simples ou complexas, são constituídas a partir da necessidade de automanutenção. As trocas não estão configuradas apenas do ponto de vista econômico, mas também de interação entre os homens, e estes com as divindades. As dádivas são oferecidas com o objetivo de negociação com a divindade pelo direito ao uso dos recursos naturais, ou seja, para suprir as necessidades físicas e emocionais dos indivíduos (MAUSS, 2003).

A religião constitui o mito e o conjunto de crenças como uma espécie de racionalidade prática (WEBER, 1991). Nesse aspecto, o fiel encontra formas de superar as intempéries da vida cotidiana. O pentecostalismo em suas várias formas, não instituiu-se como movimento autônomo, mas está atrelado a processos econômicos, políticos e culturais da sociedade como um todo. Todas essas dimensões são compreendidas como parte das “bênçãos” que Javé tem destinado para seus “filhos e filhas,” os crentes que fazem parte do *hall* de membros de uma denominação⁸.

Dessa forma, torna-se importante apreender que no processo de troca com a divindade, a doação dentro do pentecostalismo apresenta uma distinção entre o que representa a instituição “igreja” e sua liderança. Ademais, do ponto de vista do

⁷ A IEADAM trabalha com células (grupos pequenos dentro das casas dos fiéis), homens, mulheres, jovens e crianças (Informações encontradas no site oficial da Igreja: iedam.com.br).

⁸ Para estar arrolado como membro de uma denominação evangélica, na grande maioria, precisa ser “batizado nas águas”, quando ingressa oficialmente; ser frequentador assíduo dos cultos litúrgicos; fazer parte da Ceia Eucarística (Santa Ceia), ser ofertante e dizimista regular, entre outros (Regimento Interno Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo).

membro frequentador desta igreja. Enquanto instituição, as doações dos fiéis na grande maioria têm empreendido empoderamento econômico e social, riquezas e bens patrimoniais, segundo a lógica de mercado (ORO, 2001). Entretanto, no que se refere ao membro frequentador da denominação, a grande maioria é constituída por indivíduos economicamente simples, que buscam na religião esperança de melhores condições de vida e força para enfrentar as adversidades cotidianas (CEZAR; SHAULL, 1999).

Diante de um contingente de dificuldades, como desemprego, insegurança, dívidas, doenças, a religião torna-se depositária de um meio de possibilidades. A “doação” nesse sentido, foge do economicismo e assume o nexo do “dar, receber e retribuir,” conforme o pensamento maussiano, mesmo num contexto religioso complexo. O fiel acredita que o “dar” é direcionado primeiramente a Deus, que não necessariamente precisa de bens físicos, mas quer ver o nível de generosidade do fiel. Dessa forma, Deus certamente receberá a dádiva e retribuirá por meio de provisão e solução de problemas.

A troca nesse sentido, ultrapassa a noção pragmática de aquisição e consumo, compondo o âmbito das relações materiais e simbólicas entre homem e divindade. Assim, a troca como negociação não necessariamente significa enriquecimento, do ponto de vista do fiel, mas luta por sobrevivência. Consiste num despojamento de dar aquilo que “normalmente lhe falta”, isto é, “a dura realidade da existência, como dizemos comumente, e o que a transcende, funde-se numa experiência única” (CEZAR; SHAULL, 1999, p. 55-59).

Nessa direção, a troca representa o caráter imanente e transcendente da religião, quando a subjetividade incorpora no âmbito objetivo das coisas reais. A religião e a vida cotidiana representam o entrelaçamento do transcendente e do imanente. A troca com a divindade está diretamente imbricada com as contingências da existência humana e a forma como o indivíduo e a coletividade administra seu relacionamento com o sagrado. As crenças são compostas de aporte simbólico que representa o meta-social e o transcendente. Esse caráter imanente da religião, que trata dos aspectos físicos da realidade do homem e que transcende para a subjetividade do grupo, determina a coesão e a manutenção das crenças dentro da igreja.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dádiva, de acordo com o pensamento maussiano, compreende uma espécie de sacrifício dentro de um sistema de aliança e contrato entre homem e divindade. No sentido amplo, a dádiva constitui-se como mediadora desse relacionamento. O percurso do dar-receber e retribuir que se estabelece, está diretamente implicado ao interesse de atrair a atenção da divindade, com o intuito de obter seus favores ou aplacar sua ira. Mauss e Hubert (2005) acreditam que a dádiva compõe um sacrifício e todo sacrifício demanda abnegação, uma vez que o sacrificador está doando de si e logicamente se privando de algo que lhe é próprio. Entretanto, essa abnegação agrega também um aspecto egoísta e duplo, tendo em vista que o ato de dar traz contido a intenção também de receber algo em troca. É nesse sentido que a tríade dar-receber e retribuir institui-se enquanto contrato.

Conquanto sistema de aliança recíproca, a dádiva independe do tipo de sociedade, se simples ou complexa, ela se apresenta em todas e envolve bens simbólicos e materiais. Dentro da religião, as negociações com o divino, ultrapassa o sentido pragmático do capital e está relacionada a obtenção de favores das divindades, com o objetivo de sobrevivência e manutenção do indivíduo que pratica a dádiva.

A vida social é modelada de acordo com as crenças do grupo e vice versa, os sistemas religiosos estão diretamente ligados a realidade social. Segundo Durkheim, são as representações coletivas que definem e estabelecem as normas comportamentais dos indivíduos, bem como, suas crenças e ritos, mantendo-os ligados por essas crenças. Nesse ideário da vida real e dos anseios da coletividade que procede a compreensão de igreja. Dentro da coletividade “igreja,” enquanto instituição, as trocas realizadas com a divindade engendram concepções macro de empoderamento e aquisição de bens materiais através da dádiva ofertada pelos fiéis, a exemplo do recorte feito no estudo da Assembleia de Deus no Amazonas. Com o crescimento e a construção dos templos pelo estado do Amazonas, que somam cerca de 4100 prédios, mais a Emissora de Tv e Rádio, Faculdade, escola de Ensino Fundamental (cito o prédio) e outros empreendimentos torna-se inevitável o processo de acúmulo econômico da Instituição. A maior do estado, seu patrimônio fica acima da cifra do bilhão. É inevitável

que as denominações pentecostais estejam consorciadas a processos econômicos e políticos, aproveitando direta e indiretamente dos benefícios desse domínio.

Contudo, se faz necessário compreender a assimetria entre a perspectiva da dádiva a partir da coletividade/igreja em relação a perspectiva do indivíduo. A oferta para o fiel e frequentador da instituição, tem um sentido que envolve o bem material, enquanto troca com a intenção de obter favores divinos e soluções de problemas cotidianos da existência. Como agradecimento, o fiel retribui o favor recebido pela dádiva de si, empenhando sua vida e trabalho voluntário dentro da própria igreja, obedecendo a lógica maussiana do “dar-receber e retribuir.” A oferta para o indivíduo assume um caráter material, mas também simbólico, de uma aliança com interesses, mas sem a logicidade do capital. É preponderante que as análises sobre ofertas ou negociações com o sagrado empreendam distinção entre instituição e indivíduo, a fim de evitar o reducionismo das perspectivas economicistas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CAILLÉ, Alain. Dádiva e associação, in Paulo Henrique Martins (org.), **A dádiva entre os modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002.

CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. **Pentecostalismo e o futuro das Igrejas Cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999).

CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo**: o pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1996.

DURKHEIM, Emile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. 3º Reimpressão, São Paulo: Paullus, Trad: Joaquim Pereira Neto, 2018.

LIMA, Maria José Costa. **Um Enigma de Deus**: a história de um legado de fé e educação. Manaus: Faculdade Boas Novas, 2015.

MARTINS, Paulo Henrique. **A sociologia de Marcel Mauss**: Dádiva, simbolismo e associação. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 73, Dezembro 2005, p. 45-66.

MARIZ, Cecília. **El debate en torno dei Pentecostalismo Autónomo en Brasil**. Sociedad y Religión, Buenos Aires, n. 13, p. 21-32, mar. 1995.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac & Naify.
Mills, C. Wright (1992), "The Sociological Imagination and the Promise of Sociology", in Anthony Giddens (org.), Human Societies: An Introductory Reader in Sociology. Cambridge/Oxford: Polity Press, 2005.

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostalismo: dinheiro e magia**. In: ILHA - Florianópolis, novembro de 2001. Vol. 3, p. 71-83.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócia religiosa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

SARGES, Maria de Nazaré. **Os portugueses na cidade: trabalho e cotidiano (Belém - 1900)**. In: SOUSA, Fernando; MARTINS, Ismênia; MATOS, Izilda. (Org.). Nas Duas Margens: os portugueses no Brasil. Porto: Edições Afrontamento, 2009, v. 01, p. 177-187.

SPICKARD, James V. **When None Dare Call it Evil: A Sociological Framework for Evaluating Abuse in Religions**. In: David BROMLY; Mary NEITZ; Marion GOLDMAN. Religion and the Social Order, London, Jai Press, v. 5, p. 251-268, 1995.

WEBER, Max. **Religião e racionalidade econômica**. In Gabriel Cohn (org.), Weber, 5. ed., São Paulo, Ática 1991.

VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2003.